

# JULIO CORTÁZAR

## Um Certo Lucas



cavalo de ferro

*Propos de mes Parents:*

*– Pauvre Léopold!*

*Maman:*

*– C’oeur trop impressionnable...*

*Tout petit, Léopold était déjà singulier.*

*Ses jeux n’étaient pas naturels.*

*À la mort du voisin Jacquelin, tombé d’un prunier, il a fallu prendre des précautions. Léopold grimpait dans les branches les plus mignonnes de l’arbre fatal...*

*À douze années, il circulait imprudemment sur les terrasses et donnait tout son bien.*

*Il recueillait les insectes morts dans le jardin et les alignait dans des boîtes de coquillages ornées de glaces intérieures.*

*Il écrivait sur des papiers:*

*Petit scarabée – mort.*

*Mante religieuse – morte.*

*Papillon – mort.*

*Mouche – morte...*

*Il accrochait des banderoles aux arbres du jardin. Et l’ on voyait les papiers blancs se balancer au moindre souffle du vent sur les parterres de fleurs.*

*Papa disait:*

*– Étudiant inégal...*

*Coeur aventureux, tumultueux et faible.*

*Incompris de ses principaux camarades et de Messieurs les  
Maîtres.*

*Marqué du destin.*

... ..

*Papa et Maman:*

*– Pauvre Léopold!*

Maurice Fourré, *La nuit du Rose-Hôtel*

**UM**

## LUCAS, AS SUAS LUTAS COM A HIDRA

Agora que começa a ficar velho dá-se conta de que não é fácil matá-la.

Ser uma hidra é fácil, mas matá-la não, porque se bem que para matar a hidra seja necessário cortar-lhe as suas numerosas cabeças (de sete a nove conforme os autores e bestiários disponíveis), é preciso deixar pelo menos uma, porque a hidra é o próprio Lucas e o que ele deseja é sair da hidra mas manter-se no Lucas, passar de poli a unicéfalo. Havia de ser tu, diz Lucas invejando Hércules, que nunca teve estes problemas com a hidra e que depois de atingi-la com um golpe limpo de espada a deixou como uma vistosa fonte da qual brotavam sete ou nove jorros de sangue. Uma coisa é matar a hidra e outra é ser essa hidra que uma vez foi apenas Lucas e que gostaria de voltar a sê-lo. Por exemplo, corta-se a cabeça que coleciona discos, e depois aquela que invariavelmente põe o cachimbo do lado esquerdo da secretária e o copo das canetas de feltro do lado direito, um pouco recuado. Em seguida é preciso avaliar os resultados.

Hum, alguma coisa aconteceu, duas cabeças a menos provocam uma certa crise nas restantes, que, agitadas, pensam e repensam diante do lutuoso facto. Ou seja, por um lado desapareceu pelo menos a obsessiva necessidade urgente de completar

a série de madrigais de Gesualdo, príncipe de Venosa (faltam a Lucas os discos dessa colecção, parece que estão esgotados e que não serão reeditados, e isso estraga o conjunto dos outros discos. Morra com um golpe limpo a cabeça que assim pensa e deseja e corrói). Além disso é inquietantemente inédito ver que ao procurar o cachimbo ele não está onde devia estar. Aproveitemos essa vontade de desordem e cortemos com um golpe implacável essa cabeça amiga do isolamento, do cadeirão de leitura ao lado do candeeiro, do *whisky* escocês às seis e meia com dois cubos de gelo e pouca soda, dos livros e revistas empilhados por ordem de prioridade.

Mas é muito difícil matar a hidra e voltar ao Lucas, sente-o a meio da cruel batalha. Para começar, escreve-a numa folha de papel que tirou da segunda gaveta do lado direito da secretária, quando na verdade há papel à vista e por todo o lado, mas, não senhor, o ritual é este e nem vale a pena falar do candeeiro italiano extensível com quatro posições e cem volts disposto como uma grua sobre a obra em construção e minuciosamente equilibrado de forma que o foco de luz etcetera. Golpe fulgurante nessa cabeça de escriba egípcio sentado. Menos uma, uf! Lucas está a aproximar-se de si mesmo, a coisa começa a correr bem.

Nunca chegará a saber quantas cabeças lhe falta cortar porque o telefone toca e é Claudine que lhe propõe ir a correr para o cinema onde está um filme de Woody Allen. Pelos vistos Lucas não cortou as cabeças pela ordem ontológica que devia pois a sua primeira reacção é dizer não, de forma alguma, e Claudine fervilha como um pequeno caranguejo do outro lado, Woody Allen Woody Allen, e Lucas diz miúda, se me queres levar a bem não me pressiones, não penses que eu posso abandonar esta

luta jorrante de plasma e factor Rhesus só porque tu estás virada para o Woody Woody, tens de perceber que há prioridades e prioridades. Quando, do outro lado, o Anapurna cai em forma de telefone sobre o gancho, Lucas percebe que teria sido conveniente matar primeiro a cabeça que organiza, acata e hierarquiza o tempo, talvez assim tudo se atenuasse de uma só vez e assim talvez cachimbo Claudine lápis de feltro Gesualdo formassem uma sequência diferente, e Woody Allen, claro. Já é tarde, já não há Claudine, já nem sequer há palavras para continuar a contar a batalha porque já não há batalha. Que cabeça cortar se fica sempre outra mais autoritária? Está na hora de dar resposta à correspondência atrasada, dentro de dez minutos será o *whisky* com os seus cubinhos e o seu pingo de soda, é evidente que lhe voltaram a crescer, que não lhe serviu de nada cortá-las. No espelho da casa de banho, Lucas vê a hidra completa com as suas bocas de sorrisos brilhantes, com todos os dentes de fora. Sete cabeças, uma por cada década; pior do que isso, a suspeita de que ainda podem crescer-lhe duas para reforçar certa autoridade hídrica, desde que haja saúde.

## LUCAS, AS SUAS COMPRAS

Como Tota lhe pediu que fosse à rua comprar uma caixa de fósforos, Lucas sai em pijama, e porque a canícula impera na capital entra no café do gordo Muzzio onde antes de comprar fósforos decide tomar um aperitivo com soda. Está a meio deste nobre digestivo quando o seu amigo Juárez entra, também em pijama, e ao vê-lo desata a dizer que a irmã está com uma otite aguda e que o farmacêutico não quer vender-lhe as gotas calmantes porque ele não tem receita e as gotas são uma espécie de alucinogénio que já electrocutou mais de quatro *hippies* do bairro. Ele conhece-te bem e a ti vende, anda depressa, a Rosita está a contorcer-se tanto que já nem consigo olhar para ela.

Lucas paga, esquece-se de comprar fósforos e vai com Juárez à farmácia onde o velho Olivetti diz que não pode ser, que não, que vão a outro lado, e nesse momento a mulher do farmacêutico sai das traseiras com uma *Kodak* na mão e você, senhor Lucas, certamente sabe como se põe o rolo, estamos no aniversário da nossa filha e logo agora é que o rolo acabou, acabou. É que tenho de levar fósforos à Tota, diz Lucas antes de Juárez lhe pisar um pé, Lucas começa a pôr o rolo na *Kodak* quando percebe que o velho Olivetti vai retribuir o favor com as abomináveis gotas, Juárez desfaz-se em agradecimentos e sai a praguejar, enquanto a senhora agarra Lucas e o leva, toda



contente, para o aniversário, não se pode ir embora sem provar o bolo de manteiga que a dona Luisa fez, que contes muitos diz Lucas à criança que lhe responde com um borborismo simultâneo à quinta fatia de bolo. Todos cantam os parabéns a você e fazem mais um brinde com laranjada, mas a senhora tem uma cervejinha bem gelada para o senhor Lucas que vai tirar as fotografias porque ali ninguém tem muito jeito, e Lucas diz-lhes que olhem para o passarinho, está com *flash* e está no pátio porque a rapariguinha também quer que o pintassilgo fique na fotografia, quer mesmo.

– Bom – diz Lucas –, eu tenho de me ir embora porque a Tota.

Frase eternamente incompleta uma vez que na farmácia começa a propagar-se um alarido e toda a espécie de ordens e contra-ordens. Lucas corre para ver o que se passa e quando chega dá de caras com o sector masculino da família Salinsky e ao centro o velho Salinsky que caiu da cadeira e que levaram para ali porque vivem mesmo ao lado e não é caso para incomodar o doutor se ele não tiver partido o cóccix ou coisa pior. O Salinsky mais baixo, que é muito chegado a Lucas, puxa-o pelo pijama e diz-lhe que o velho é rijo, mas que o chão do pátio é pior, razão pela qual não seria de excluir uma fractura grave já que o velho ficou verde e nem consegue coçar o rabo como é seu costume. Este pormenor contraditório não escapa ao senhor Olivetti que manda a mulher para o telefone e em menos de quatro minutos chega uma ambulância com dois maqueiros, Lucas ajuda a transportar o velho sem saber por que razão lhe puseram os braços do homem à volta do pescoço ignorando por completo a presença dos filhos, e quando Lucas se preparava para sair da ambulância, os maqueiros fecham-lhe a porta na cara porque estão a discutir o jogo do Boca contra

o River no domingo e não se podem distrair com parentescos. Resumindo, Lucas cai com o arranque supersónico e o velho Salinsky deitado na maca diz toma, rapaz, é para saberes como dói.

No hospital que fica na outra ponta da cidade Lucas tem de explicar o que aconteceu, mas isso numa instituição hospitalar leva o seu tempo, e o senhor é da família, não, na verdade eu, mas então o que é que, espere, vou explicar o que aconteceu, está bem mas mostre-me os seus documentos, é que estou de pijama, doutor, o seu pijama tem dois bolsos, é verdade mas acontece que a Tota, não me vai dizer que este senhor se chama Tota, o que eu quero dizer é que estava a comprar uma caixa de fósforos para a Tota quando chegou o Juárez e. Está bem, suspira o médico, baixe as calças ao senhor, Morgada, pode sair. Eu fico até que a família chegue e me dê dinheiro para apanhar um táxi, diz Lucas, não posso ir assim de autocarro. Depende, diz o médico, agora usa-se roupa muito fantasiosa, a moda é tão versátil, faça um RX ao cúbito, Morgada.

Quando os Salinsky saem do táxi, Lucas dá-lhes as notícias e o mais baixo dá-lhe dinheiro para voltar mas fica cinco minutos a agradecer-lhe a solidariedade e o companheirismo, de repente os táxis desaparecem e Lucas, que já não aguenta mais, começa a caminhar rua abaixo, mas é esquisito andar de pijama fora do bairro, nunca lhe tinha ocorrido que é como estar em cuecas, e para agravar a situação não passa nenhum autocarro até que por fim chega o 128 e Lucas está entre duas raparigas que o olham estupefactas, depois uma velha sentada vai subindo o olhar pelas riscas do pijama como se pretendesse avaliar o grau de decência daquela indumentária que pouco disfarça as protuberâncias, Santa Fé e Canning nunca mais

chegam, e com razão porque Lucas apanhou o autocarro que vai para Saavedra, então tem de sair e esperar numa espécie de resguardo com duas pequenas árvores e um pente partido, Tota deve estar como uma leoa na jaula. Uma hora e meia Nossa Senhora e sabe-se lá quando chega a merda do autocarro.

Se calhar já não vem pensa Lucas numa espécie de sinistra revelação, se calhar isto é como o afastamento de Almotásim, pensa o Lucas culto. Quase não vê chegar a velhinha desdentada que se aproxima lentamente para lhe perguntar se por acaso ele não tem um fósforo.

## LUCAS, O SEU PATRIOTISMO

Do meu passaporte gosto das páginas das renovações e dos carimbos dos vistos redondos / triangulares / verdes / quadrados / pretos / ovais / vermelhos; da minha imagem de Buenos Aires gosto da ponte móvel sobre o Riachuelo, da praça Irlanda, dos jardins de Agronomia, de alguns cafés que talvez já não existam, de uma cama num apartamento em Maipú quase na esquina com a avenida Córdoba, do cheiro e do silêncio do porto à meia-noite no Verão, das árvores da praça Lavalle.

Do país ficou-me o cheiro dos caneiros de Mendoza, os choupos de Uspallata, o violeta profundo da serra de Velasco em La Rioja, as estrelas do Chaco na Pampa de Guanacos quando ia de Salta para Misiones num comboio de mil novecentos e quarenta e dois, um cavalo que montei em Saladillo, o sabor do *Cinzano* com gin *Gordon* no Boston da rua Florida, o cheiro ligeiramente desagradável do público do teatro Colón, a bancada superpulman do Luna Park para ver Carlos Beulchi e Mario Díaz, algumas leitarias abertas de madrugada, a fealdade da Praça Onze, a leitura de *Sur* nos anos docemente ingénuos, os livros a cinquenta centavos da editorial Claridad, com Robero Arlt e Castelnuovo, e também alguns pátios, claro, e sombras que guardo para mim, e mortos.

## LUCAS, O SEU PATRIOTEIRISMO

Não é por causa das efemérides, não pensem, nem por Fangio ou Monzón ou coisa parecida. Em criança, claro, Firpo era muito mais poderoso do que San Martín, e Justo Suárez do que Sarmiento, mas depois a vida foi fazendo baixar a crista à história militar e desportiva, veio uma época de dessacralização e autocrítica, sobreviveram apenas alguns pedacinhos de insígnias e Febo surgiu.

Tem vontade de rir sempre que apanha alguém, sempre que se apanha a si mesmo, engalanado e argentino até à morte, porque a sua argentinidade felizmente é outra coisa mas dentro dessa coisa boiam por vezes restos de coroas de louros (são eternas) e então Lucas em plena King's Road ou no passeio marítimo de Havana ouve a sua voz entre as vozes de amigos que dizem coisas como ninguém sabe o que é carne se não conhecer o entrecosto assado à crioula, nem há doce que suplante o doce de leite nem *cocktail* comparável ao Demaría que se serve no *La Fragata* (ainda, leitor?) ou no *Saint James* (ainda, Susana?).

Como é natural, os seus amigos reagem venezuelana ou guatemaltecamente indignados, e nos minutos seguintes cresce um patrioteirismo gastronómico, botânico, agropecuário ou ciclista que nem vos conto. Nesses casos Lucas age como um cachorrinho e deixa os grandes lutar entre si, enquanto ele se

reprende mentalmente mas não muito, afinal digam-me lá de onde vêm as melhores malas de crocodilo e os sapatos de pele de serpente.

## LUCAS, O SEU PATIOTISMO

No centro da imagem estão as sardinheiras, mas há também glicínias, é Verão, mate às cinco e meia, a máquina de coser, chinelos e lentas conversas sobre doenças e desgostos familiares, de repente um frango deixa a sua assinatura entre duas cadeiras ou o gato persegue um pombo ágil que o vence. Tudo isto cheira a roupa estendida, a sabão azul e a lixívia, cheira a jubilação, a bolachas sortidas ou a fritos doces, quase sempre a rádio vizinha lança tangos e anúncios de *Geniol*, de azeite *Cocinero* que é de todos o primeiro, e há crianças a pontapear uma bola de trapos no baldio ao fundo, o Beto marca um golo de ressalto.

Tudo tão convencional, tão visto que Lucas por pudor procura outras saídas, a meio da recordação decide lembrar-se de como a essa hora se fechava a ler Homero e Dickson Carr no seu quatinho indefinido para não voltar a ouvir a operação ao apêndice da tia Pepa com todos os pormenores dolorosos e a representação ao vivo das horríveis náuseas da anestesia, ou a história da hipoteca da rua Bulnes onde o tio Alejandro se ia afogando de mate em mate até à apoteose dos suspiros colectivos e tudo vai de mal a pior, Josefina, faz cá falta um governo forte, porra. Felizmente aparece Flora para mostrar a fotografia de Clark Gable nas páginas tipografadas do *La Prensa* e recordar

os melhores momentos de *E Tudo o Vento Levou*. Às vezes a avó lembrava-se de Francesca Bertini e o tio Alejandro de Bárbara la Marr que era um mar para os bárbaros, ela e as vampiras, ai os homens, Lucas percebe que não há nada a fazer, que está novamente no pátio, que o postal ilustrado continua preso para sempre na moldura do espelho do tempo, pintado à mão, enquadrado por pombinhos e um fino traço negro a toda a volta.






Sob o nome de Lucas, um certo Julio oferece ao leitor uma apaixonada colecção de pequenas ficções, sobre os seus pianistas favoritos, sobre os costumes de determinadas famílias argentinas ou o fim de uma história de amor. Transgressor nato e dono de uma estranha sabedoria, também nos apresenta as melhores dicas para calçar sapatos, escrever poemas reversíveis, dar palestras, os modos de sair de um concerto ou de nadar numa piscina infantil. Tudo isto numa prosa lúdica e irónica, com a qual transformou a literatura do século xx.

Inédito até à data no nosso país, *Um Certo Lucas* não é um volume de contos, nem um romance ou um conjunto de ensaios; é um concentrado de virtuosismo cortáziano, um verdadeiro manual contra a formalidade e o tédio de leitura essencial.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895640478



9 789895 640478 >